

“SE PODES OLHAR, VÊ. SE PODES VER, REPARA”: DEBATENDO O COLONIALISMO DIGITAL E SEUS DESAFIOS À EDUCAÇÃO

Marília Sinâni¹

RESUMO

Nos últimos anos, o uso de tecnologias digitais aumentou significativamente, provocando mudanças na realidade social e no comportamento das pessoas. Baseado na epígrafe “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara” do livro *Ensaio sobre a cegueira*, o presente artigo pretende debater o colonialismo digital e seus impactos no campo da educação, levando em consideração experiências cotidianas, textos literários e perspectivas críticas sobre o uso da tecnologia. Todos os dias, nossos olhos são receptores do excesso de informação e estímulos visuais mediados pelas telas, mas, será que reparamos nas suas obscuridades, ou apenas nos centramos nas suas ideias luminosas? O acesso ao excesso nem sempre nos permite estar conscientes da escassez. Entre textos teóricos e literários, este estudo realiza uma revisão teórica que parte da premissa de buscar “ser contemporâneo” para olhar criticamente a realidade, discutir as problemáticas presentes no colonialismo digital e encontrar brechas no sistema colonial-capitalista para que a tecnologia possa ser utilizada no sentido emancipatório. Com isso, revela-se a urgência de descolonizar a tecnologia, de modo a enfrentar o colonialismo digital e suas alterações nas dimensões ontológicas, epistemológicas e axiológicas.

Palavras-chave: Colonialismo Digital; Descolonização; Educação; Tecnologia.

“SE PODES OLHAR, VÊ. SE PODES VER, REPARA”: DEBATING DIGITAL COLONIALISM AND ITS CHALLENGES TO EDUCATION

ABSTRACT

In recent years, the use of digital technologies has increased significantly, causing changes in social reality and people's behavior. Based on the epigraph “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara” from the book *Ensaio sobre a cegueira*, this article aims to debate digital colonialism and its impact on the field of education, taking into account everyday experiences, literary texts and critical perspectives on the use of technology. Every day, our eyes are receptors of the excess of information and visual stimuli mediated by screens, but do we notice their obscurities, or do we only focus on their luminous ideas? Access to excess doesn't always allow us to be aware of scarcity. Between theoretical and literary texts, this study carries out a theoretical review that starts from the premise of seeking to “be contemporary” in order to look critically at reality, discuss the problems present in digital colonialism and find loopholes in the colonial-capitalist system so that technology can be used in an emancipatory sense. This reveals the urgency of decolonizing technology in order to confront digital colonialism and its changes in the ontological, epistemological and axiological dimensions.

Keywords: Digital Colonialism; Decolonization; Education; Technology

¹

INTRODUÇÃO

O uso das tecnologias digitais vem sendo cada vez mais presente no cotidiano das pessoas. Durante o isolamento social de enfrentamento à pandemia de Covid-19², grande parte das escolas, universidades e setores governamentais migraram para espaços virtuais, encontrando maneiras de prosseguir com suas funções de forma adaptada. As relações sociais também migraram para os meios digitais, acelerando a inserção de parte da população no *ciberespaço*. Anos após o isolamento social, seguimos habituados à utilização das tecnologias no dia-a-dia. Questões que antes eram resolvidas somente no formato presencial, agora podem ser realizadas através de aplicativos, sites e demais ferramentas tecnológicas.

De certo modo, essa alteração alavancou o avanço técnico-científico no Brasil, mas, é importante nos perguntarmos: avanço técnico-científico para quem? Além de revelar uma distribuição sociorracial desigual ao acesso à internet e aos dispositivos digitais, o avanço tecnológico também trouxe consigo práticas de colonização e alienação técnica adaptadas ao tempo presente. Produzidas por seres humanos contraditórios, imersos em relações de poder hierarquizadas e racializadas, as tecnologias digitais têm tido o papel de mediar o contato das pessoas com o mundo. Esse avanço técnico-científico, devido à tradição colonial presente em nosso contexto histórico-cultural, vem acompanhado de processos como a extração de dados, a exploração da matéria-prima para fabricação de dispositivos tecnológicos e fenômenos como a desinformação, por exemplo, que configuram o colonialismo digital na atualidade (Faustino e Lippold, 2023).

Imersas no colonialismo digital que atua na manutenção do sistema colonial-capitalista, as tecnologias digitais e seus sistemas algorítmicos parecem estar cumprindo o papel de “sistemas educativos”³ de pessoas com faixas etárias distintas. O colonialismo digital atravessa a vida cotidiana, adentra os espaços educativos e, ao favorecer a distorção sobre as noções de tempo e espaço, modifica nossos modos de ser, saber e sentir.

Em razão disso, este estudo se propõe a debater os impactos do colonialismo digital na educação. No livro *Ensaio sobre a cegueira*, José Saramago traz a epígrafe “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”, do *Livro dos conselhos*, de El-Rei D. Duarte, e a revisitamos neste artigo para

² A pandemia causada pelo vírus COVID-19 durou cerca de três anos. Como forma de enfrentamento da pandemia, o isolamento social foi proposto e, nesse período, houve uma acelerada imersão das pessoas no *ciberespaço*.

³ Em suas obras, o filósofo Enrique Dussel reflete que os meios de comunicação atuam como ‘sistemas educativos’, como a ‘universidade do povo’, principalmente no contexto de América Latina e Caribe, que ainda sofre com a dependência e as práticas de colonização.

problematizar os excessos da sociedade informacional que vão desde o uso excessivo de telas até à dependência em relação às grandes corporações do ramo da tecnologia digital. Nesse debate, não buscamos demonizar as tecnologias digitais, tão pouco mascará-las por falsos ares de libertação, pelo contrário, entendemos que as tecnologias são produzidas por pessoas que tem interesses, questões políticas, sujeitos que se formam dentro de uma situação opressora repleta de conflitos e disputas.

Entre textos literários e textos teóricos, experiências e leituras críticas, identifica-se que o colonialismo digital está entre as obscuridades ofuscadas pelas ideias luminosas que envolvem os avanços tecnológicos na nossa realidade social. Limitados ao uso alienante das tecnologias, nossos olhos consomem o excesso de informação de forma cada vez mais acelerada, mas, de fato estamos reparando nos impactos que o seu uso está provocando na vida das pessoas? Aqui, buscamos debater o seu uso de forma crítica e consciente, compreendendo que ela é produzida desde um contexto histórico-cultural marcado por relações de poder.

Este estudo é dividido em três seções. A primeira seção contextualiza o colonialismo digital no Brasil. A segunda seção compartilha reflexões filosóficas sobre a relação entre o colonialismo digital e a educação a partir dos estudos de Faustino e Lippold (2023), Achille Mbembe (2021), Giorgio Agamben (2009) e dois textos literários que contribuem para a construção de pontes com a nossa realidade social como os livros *Ensaio sobre a cegueira* (Saramago, 1995) e *Dentes ao sol* (Loyola Brandão, 1965). A terceira seção reflete sobre a importância e a coragem de formar seres contemporâneos, uma ação que vai muito além de ser contemporâneo, mas trabalhar no sentido do olhar crítico sobre as luminosidades, não deixando-se cegar por elas, de modo a ver nas obscuridades formas de transformar a realidade.

A ERA DO COLONIALISMO DIGITAL

Nos últimos anos, o mundo real tem se tornado indissociável do mundo virtual e, nesse processo, seres vivos e máquinas vêm caminhando rumo à unificação, sendo vistos de forma indistinta e fortalecendo o devir-artificial da humanidade (Mbembe, 2021). Tanto a realidade virtual como a realidade concreta encontram-se interconectadas e isso tem afetado a forma como vivemos, experienciamos e compreendemos o mundo.

Nossos dias têm sido atravessados pelo excesso de informações que acessamos desde nossos aparelhos eletrônicos e nos são levadas através de sistemas algorítmicos, programas com alto poder

de persuasão planejados por seres humanos para coletar informações e dados que modulam comportamentos e tomadas de decisão (Cassino, 2021). Assim, as informações e dados coletados são considerados matéria-prima a ser extraída “para que algoritmos possam prever o que faremos em uma série de situações” (Avelino, 2021, p. 70).

É importante destacar que o excesso de informação a qual somos expostos diariamente também traz consigo a desinformação como as *fake news*, por exemplo, que são estrategicamente disseminadas para beneficiar a concentração do capital nas mãos de poucos. A exemplo disso, no Brasil, é possível visualizar o quanto a produção de *fake news* são aliadas do negacionismo e dos discursos de ódio que favorecem o avanço da extrema direita e suas ideologias conservadoras. Nos últimos anos, tem sido notável um falso ar de democratização no uso das tecnologias digitais que vem acompanhado da ideia de que a “liberdade de expressão” justifica a desinformação e os discursos extremistas.

As eleições para presidente no Brasil, que ocorreram nos anos de 2018 e 2022, são um exemplo do alto nível de produção de *fake news* que atravessaram os processos eleitorais e fizeram da desinformação uma grande aliada das distorções políticas, históricas e sociais difundidas nas páginas da direita. O caso recente em que a rede social X, antigo Twitter, foi bloqueada após decisão do Supremo Tribunal Federal⁴ também pode ser visto como um exemplo do quanto as redes sociais são uma das ferramentas utilizadas para veicular a desinformação, apoiar golpes de extrema direita e manter as relações de poder. A partir destes exemplos, percebe-se o quanto o uso das tecnologias digitais interfere na realidade social e forma concepções de mundo, afetando os campos do ser, saber e sentir.

Com base nos estudos de (Lara *et al.*, 2023, p. 12), as plataformas digitais têm sido cada vez mais utilizadas na “manutenção do sistema colonial-capitalista como única possibilidade de sistema-mundo” e na digitalização da vida humana, sempre com a ótica do lucro. Se, no colonialismo iniciado no século XVI, os colonizadores exploraram nossas terras, no tempo presente, o colonialismo se dá também nos meios digitais, pois o governo e as grandes corporações exploram não apenas territórios, mas nossos dados através de formas de dominação mais abstratas em relação à vida cotidiana, constituindo, então, o colonialismo digital.

⁴ BLOQUEIO DO X PODE ALIMENTAR ATO BOLSONARISTA NO 7 DE SETEMBRO, DIZ CONSULTORIA. BBC, 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c3rd39v19n9o>

Estamos vivendo a Era do colonialismo digital, momento em que as práticas de colonização como a exploração e a opressão têm se mostrado cada vez mais adaptadas e atualizadas para o tempo presente, desta vez, mais sofisticadas e sutis (Faustino e Lippold, 2023). Com base nos estudos de Mbembe (2021, p. 28), “a tecnologia se fez biologia e neurologia”, convertendo-se em uma realidade figurativa que abala as relações humanas e vai muito além da máquina em si.

A imersão acelerada no *ciberespaço* se tornou um “dos mais poderosos dispositivos de subjetivação e conversão ampliada da vida em uma grande coleção de mercadorias” (Faustino e Lippold, 2023, p. 38). Trata-se de uma subjetivação de caráter ambíguo porque ao mesmo tempo em que pode servir à padronização hegemônica de desejos e comportamentos, também pode ampliar a conexão entre comunidades e discursos que defendem pautas alternativas. De todo modo, nossas vidas são digitalizadas e isso tem afetado nossas subjetividades e percepções sobre a realidade (Lara *et al.*, 2023).

Apesar de muitos confiarem na imparcialidade dos sistemas algorítmicos ao coletar e compartilhar nossos dados, não podemos ignorar que eles são projetados por seres humanos, portanto, são atravessados por ideais e finalidades historicamente determinadas (Lippold e Faustino, 2022; Silva, 2021). Desta forma, se levarmos em consideração que o contexto latino-americano é historicamente marcado pela tradição colonial e suas práticas naturalizadas de dominação, podemos considerar que os sistemas algorítmicos também podem assumir a função de “ajudar o colonizador a controlar as ações dos colonizados, que estão localizados em territórios distantes e possuem culturas tão diferentes daquele de onde o colonizador opera” (Machado, 2021, p. 57).

Ao assumir essa função, os sistemas algorítmicos tendem a corroborar ao colonialismo digital que “consiste na prática de aprisionamento tecnológico no ecossistema digital de dispositivos eletrônicos, protocolos de rede, linguagens de máquina e programação” (Avelino, 2021, p. 75), com fins lucrativos e extrativistas que configuram uma nova forma de dominação perigosa para o Sul Global. O colonialismo digital exerce seu poder por meio de ferramentas tecnológicas e digitais, favorecendo também o regime de poder capitalista que tende a reificar nossa experiência e concepção sobre a realidade.

Com o vasto acervo cultural que os meios digitais disponibilizam, a tendência é que tenhamos um grande acúmulo de informações e dados em nossa mente. As ações de descer a *timeline* através de movimentos mecanizados, assistir a vídeos com tempo de duração cada vez

menor e recorrer às inteligências artificiais para coletar informações são práticas recorrentes no nosso cotidiano. Tem se tornado comum a busca por pequenas doses de felicidade instantânea no uso diário das tecnologias digitais, por vezes, perdendo-se horas e horas nas redes sociais, consumindo todo o tipo de informação possível sem necessariamente compreendê-las ou questioná-las.

Ao mesmo tempo que nos apresenta um leque de possibilidades, o avanço técnico-científico também traz consigo um campo minado e perigoso, permeado por caminhos tortuosos marcados por novas tecnologias necropolíticas de poder (Faustino e Lippold, 2023) que atuam a serviço da naturalização das práticas de violência enraizadas em nosso contexto histórico-cultural. Com tantas mudanças tecnológicas, sociais e econômicas, a tendência é a formação de seres humanos com comportamentos, ritmos de vida e noções espaço-temporais automatizadas, atualizadas e manipuladas a serviço da manutenção da exploração imperialista do capitalismo neoliberal.

Discutir o colonialismo digital, então, é um convite a questionar: se “os algoritmos macabros colonizam nosso cotidiano para captar dados e induzir nosso comportamento e nossa subjetividade, com que razão o fazem?” (Faustino e Lippold, 2023, p. 41). Ou seja, trata-se de entender que os sistemas algorítmicos atuam como ferramenta de domínio no colonialismo digital. Neste estudo, compreendemos que problematizar os sistemas algorítmicos e o uso de ferramentas tecnológicas na atualidade nos leva ao debate sobre as relações de poder hierarquizadas e racializadas que podem estar inscritas nestes meios, desdobrando-se para outras esferas da sociedade. O fato de estarem invisíveis não é sinônimo de que elas não existam.

Na Era do colonialismo digital, as dimensões ontológica, epistemológica e axiológica vêm mudando consideravelmente. “Ser” alguém no mundo tem sido associada ao verbo “ter”, a concepção de conhecimento está sendo ampliada para outras vias, as formas de experienciar o mundo vem sendo mediadas por telas e tudo isso tem alterado os modos de sentir de grande parte da humanidade, principalmente as novas gerações que já nascem imersas no vasto mundo tecnológico.

O ritmo acelerado do desenvolvimento tecnológico, a velocidade que permeia as relações sociais e a preferência pelo imediatismo tem provocado mudanças drásticas na formação humana. Na Era do colonialismo digital, entre cliques e curtidas, redes sociais e plataformas digitais, existe um cenário ilusório de que todos podemos viralizar e o uso dos dispositivos digitais gira mais em torno de aspectos quantitativos do que qualitativos, pois, o que mais importa são os números de

curtidas, seguidores e visualizações, fomentando, assim, uma economia da atenção que produz um cenário propício à disseminação da desinformação em massa (Faustino e Lippold, 2023).

Desvelar de forma crítica a presença do colonialismo digital e seus desdobramentos que atuam como ‘sistemas educativos’ da população abre caminhos para compreendermos que acumular dados e informações nem sempre é sinônimo de estar construindo conhecimento, pelo contrário, receber e receber informações de forma passiva nos converte em meros depósitos, como já pretendia a concepção bancária da educação, problematizada por Freire (2013).

DEBATENDO O COLONIALISMO DIGITAL A PARTIR DE TEXTOS LITERÁRIOS

Partindo da concepção de que a literatura é um produto social, uma “transposição do real” que exprime as condições de cada época, ao mesmo tempo que é intemporal (Candido, 2006, p. 56), este texto de cunho teórico dialoga com textos literários para debater o colonialismo digital e seus processos de dominação do ser, saber e sentir. O primeiro texto literário a ser articulado nesta discussão faz parte do livro *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago (1995) e seus conceitos são aqui utilizados como metáforas para refletirmos sobre os impactos do colonialismo digital na formação da nossa visão de mundo. O segundo texto literário compõe a obra *Dentes ao sol*, de Loyola Brandão (1965) e aqui contribui para visualizarmos os efeitos do colonialismo digital na configuração dos modos de ser e sentir. Ambos os textos literários, quando lidos e inter-relacionados para debater o colonialismo digital, enriquecem esta discussão, pois aproximam arte e vida, instigando o olhar crítico sobre a realidade social.

No livro *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago (1995), a cena inicial apresenta um homem que está dirigindo seu carro, mas, ao parar no semáforo, fica cego, sendo a primeira vítima de uma epidemia de cegueira, a qual todos desconhecem origem e causa. O homem, agora cego, começa a ter dúvidas sobre a sua cegueira, pois, ao contrário do que pensava, ela não é uma simples ausência da luz, mas, sim, o excesso dela.

Chegara mesmo ao ponto de pensar que a escuridão em que os cegos viviam não era, afinal, senão a simples ausência da luz, que o que chamamos cegueira era algo que se limitava a cobrir a aparência dos seres e das coisas, deixando-os intactos por trás do seu véu negro. Agora, pelo contrário, ei-lo que se encontrava mergulhado numa brancura tão luminosa, tão total, que devorava, mais do que absorvia, não só as cores, mas as próprias coisas e seres, tornando-os, por essa maneira, duplamente invisíveis (Saramago, 1995, p. 10).

A brancura tão luminosa que provocou a epidemia de cegueira na sociedade é, neste artigo, associada metaforicamente aos excessos da sociedade informacional. Este estudo parte do conceito da cegueira, via luminosidade branca, do texto de Saramago (1995) para refletir sobre a cegueira presente na nossa realidade social, os filtros que a mascaram e nos impedem de olhar as obscuridades da atualidade. Embora seja comum associar a perda de visão à ausência de luz e a luz como sinônimo de algo bom, herança do pensamento ocidental e cristão, o texto de Saramago abre caminhos para percebermos que isso pode ser compreendido de forma diferente.

Permitir-se refletir de forma crítica sobre a sociedade atual implica romper com a dualidade luz/escuro, pois é impossível separá-las em nosso tempo. O filósofo Giorgio Agamben traz uma discussão interessante ao campo da literatura sobre o que é ser contemporâneo e que pode nos auxiliar na compreensão da indissociabilidade entre luz e escuro. De acordo com esse autor, cada época tem sua luminosidade e, muitas vezes, ela pode nos cegar, impossibilitando-nos de entrever as sombras que coexistem com esse excesso da luz em um mesmo tempo.

As sombras são o escuro que existe em cada época, mas não significa a não-visão ou a ausência de luz, na verdade, é também entendida como produto da nossa retina. Assim, para o autor, luz e escuro não são coisas separadas, dessa forma, conseguir ter a coragem de manter fixo o olhar no seu tempo “para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (Agamben, 2009, p. 62), é ser contemporâneo, pois perceber o escuro é uma atividade que equivale “a neutralizar as luzes que provêm da época para descobrir as suas trevas, o seu escuro especial, que não é, no entanto, separável daquelas luzes” (Agamben, 2009, p. 63). Toda luz tem o seu escuro, e vice-versa, cabendo a nós enxergá-las para mudar nosso tempo.

Em todas as épocas existiram ideias luminosas que, por trás delas, também havia uma densa escuridão ofuscada pelo excesso de luz que cegava a sociedade. Jefferson de Moraes Lima (2019, p. 257) traz como exemplo disso a segunda guerra mundial em que os seguidores de Hitler, apaixonados por seus ideais, “não foram capazes de notar a densa escuridão que se escondia por trás daquela ideia luminosa, que, desde o começo, dava fortes indícios de que o “progresso” prometido não era para todos – algo que somente seria perceptível por um olhar contemporâneo”.

Nosso contexto histórico-cultural, com sua tradição colonial e escravocrata, é um reflexo disso, pois sempre existiram tensionamentos e conflitos legitimados pela falácia do “desenvolvimento” e do “progresso”. Ainda hoje, há quem defenda o colonialismo, a escravização e

a ditadura no Brasil, pessoas que não conseguem olhar o escuro em meio à luminosidade que os cega e os leva a rechaçar políticas públicas de cotas, ignorar o racismo, apoiar e justificar ações violentas no presente e no passado.

Partindo destas contribuições teóricas, entendemos que o consumo excessivo das tecnologias digitais e o mito de que elas são salvadoras, uma forma de ascensão social e liberdade de expressão, ao mesmo tempo que é demonizada por muitos, envolvem a população em um excesso de luminosidade permeada por idealizações que, muitas vezes, tendem a restringi-las a uma cegueira em relação às violências e táticas de controle social que podem estar inscritas, mesmo que de formas mais sutis, nos espaços virtuais como, por exemplo, o colonialismo digital.

O novo colonialismo é datafocado, e sua violência muitas vezes sutil produz a precarização nada suave do trabalho e aponta para uma submissão social enredada e gamificada que formata sujeitos submetidos à servidão maquínica e aos sistemas algorítmicos das grandes empresas do Norte Global (Faustino e Lippold, 2023, p. 17).

Nos últimos anos, os avanços tecnológicos levaram ao uso excessivo de telas, cuja intensidade luminosa vem causando danos à visão⁵ e gerando problemas de saúde física e emocional⁶. O uso excessivo de telas também vem acompanhado do acesso ao excesso de informações veiculados por meio destes aparelhos eletrônicos e isso têm gerado problemáticas no campo social. A obra de Saramago (1995), juntamente às perspectivas teóricas compartilhadas neste artigo nos convidam a pensar sobre estes excessos na sociedade informacional e seus impactos na educação.

Em 1965, no livro *Dentes ao sol*, escrito por Ignácio de Loyola Brandão, um pequeno texto elucida as mudanças nas experiências humanas com o uso alienado das tecnologias. Através do texto literário, Loyola Brandão se refere à televisão como “caixa azulada” ou “caixa quadrada”,

⁵ O artigo “Miopia causada pelo uso de telas de aparelhos eletrônicos: uma revisão de literatura” explica os danos à visão que o excesso de luminosidade provoca, podendo ser lido em: GOMES, Anna Caroline Guimarães et al. Miopia causada pelo uso de telas de aparelhos eletrônicos: uma revisão de literatura. *Revista brasileira de oftalmologia*, v. 79, p. 350-352, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbof/a/RqBxKbL4mgwxnZhFFftZYSM/?format=html&lang=pt&stop=next>. Acesso em 20 jul. 2024.

⁶ O artigo “Efeitos do uso excessivo de telas eletrônicas na visão e no estado emocional” apresenta dados sobre a relação entre o uso excessivo de telas e problemas de saúde, incluindo distúrbios emocionais, podendo ser acessado em: BARROS, Viviane Fernanda da Silva et al. Efeitos do uso excessivo de telas eletrônicas na visão e no estado emocional. *Revista Brasileira de Oftalmologia*, v. 80, p. e0046, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbof/a/WD5LpDPp5vyKgcCCvy3jPgt/?format=pdf&lang=en>. Acesso em 24 jul. 2024.

meio de comunicação mais utilizado na época, e mostra detalhadamente o cotidiano de uma família que limita suas experiências de vida ao domínio da máquina:

Nas noites de verão, ou todas as noites, depois do jantar, o pai abandona a mesa. Ainda com a xícara de café na mão, ele se dirige à caixa quadrada. A deusa dos raios azulados espera o toque. Para emitir o som e luz, imagem e movimento. Todos se ajeitam. O lugar principal é para o pai. Ninguém conversa. Não há o que falar. O pai não traz nada da rua, do dia-a-dia, do escritório. Os filhos não perguntam, estão proibidos de interromper. A mulher mergulha na telenovela, no filme. Todos sabem que não virá visita. E se vier alguma, vai chegar antes da telenovela. Conversas esparsas durante os comerciais. A sensação é que basta estar junto. Nada mais. Silenciosa, a família contempla a caixa azulada. Os olhos excitados, cabeças inflamadas. Recebendo, recebendo. Enquanto o corpo suportar, estarão ali. Depois, tocarão o botão e a deusa descansará. Então, as pessoas vão para as camas, deitam e sonham. Com as coisas vistas. Sempre vistas através da caixa. Nunca sentidas ou vividas. Imunizadas que estão contra a própria vida (Loyola Brandão, 1965, p. 16).

Ao demonstrar em cenas e frases o excesso de estímulos visuais provocados pela televisão, o texto de Loyola Brandão nos possibilita visualizar o momento em que corpo e máquina se tornam um só. O pai aparece como uma figura autoritária e patriarcal que ocupa o lugar principal no sofá, a posição central na família e na hora de consumir as imagens reproduzidas pela televisão. A mãe é retratada no texto apenas como a espectadora da telenovela, aquela que assiste de forma passiva à televisão e ao silêncio da família. Os filhos são silenciados, não podem perguntar nada aos pais, pois perguntas interrompem a programação do dia. A televisão é mencionada como a deusa dos raios azulados, aquela que excita os olhos, inflama as cabeças dos que a assistem e deposita informações visuais/sonoras

O silêncio faz parte da família que assiste à televisão até que seus corpos suportem, sendo levados à exaustão pelo excesso de estímulos visuais. Esse cenário exposto no texto literário não se distancia da realidade do tempo presente. O aumento do uso dos meios digitais no cotidiano, principalmente com a popularização de *smartphones*, provocou mudanças significativas na realidade social e no comportamento dos indivíduos. Grande parte das pessoas, independentemente da faixa etária, utilizam seus celulares como uma espécie de extensão do corpo, um objeto indispensável que exerce inúmeras funções no dia-a-dia. A todo momento, pessoas estão conectadas aos espaços virtuais, recebendo e recebendo informações em excesso e de modos ainda mais acelerados, tal qual o texto literário de Loyola Brandão.

Receber excesso de informação de modo acelerado até que se chegue à exaustão tem levado parte da população ao burnout, uma psicoepidemia cuja origem se dá no fenômeno da colonização e

objetivação do capitalismo em relação ao tempo humano (Faustino e Lippold, 2023). Diante disso, é notável o quanto a cumplicidade entre os resquícios de colonialismo que não foram superados e a voracidade predatória do capitalismo, com suas ações violentas, racistas e repressoras, ainda geram impactos em nossas vidas. Viver na Era do colonialismo digital é vivenciar a adaptação do colonialismo tradicional através do tempo e sua adesão às formas mais atualizadas de intensificação e aceleração das práticas de colonização que já existiam.

Revisitando a cena exposta no texto literário de Loyola Brandão para observar com criticidade o tempo presente, nota-se que estamos vivendo em uma época aterrorizada por seus próprios excessos, pois a sociedade tem passado por uma transição a um “sistema técnico mais automatizado, mais reticular e ao mesmo tempo mais abstrato, formado por múltiplas telas – digital, algorítmica, numinosa” (Mbembe, 2021, p. 80). Tem sido cada vez mais notável que grande parte da formação das nossas percepções sobre o mundo é mediada por telas e isso tende a reconfigurar a experiência sensível, alterando nossas concepções sobre tempo, espaço e corpo (Faustino e Lippold, 2023). A fusão entre corpo e máquina revela uma tentativa de converter o ser humano em um objeto, mais uma tática de desumanização que tende a passar despercebida.

Ao construir pontes entre textos literários e o debate sobre colonialismo digital, três aspectos chamam a atenção. Primeiro, é importante a compreensão de que a educação já não se limita aos muros da escola, pelo contrário, está ampliada e existem diversos meios que atuam como ‘sistemas educativos’ da população. Os celulares e *smarphones*, por exemplo, com suas plataformas e aplicativos, fazem parte do dia-a-dia dos educandos, levando imagens, vídeos, informações em excesso que também formam suas concepções de mundo.

Na sociedade informacional das máquinas cibernéticas, a alienação técnica atinge seu ápice ao corroborar para a consolidação da “subordinação da nossa inteligência local e nacional à conveniente ideia de sermos felizes consumidores e usuários de tecnologias inventadas nos países tecnoeconomicamente ricos. Estamos aptos a comprar, nunca a desenvolver nem a criar” (Faustino e Lippold, 2023, p. 23). Na Era do colonialismo digital, a vida humana é convertida em dados, mercadorias extraídas em benefício de países mais ricos. Enquanto países classificados como ‘desenvolvidos’ criam a tecnologia, nós somos considerados apenas como consumidores, pessoas que “destinadas” à reprodução daquilo que recebem. No entanto, o excessivo uso das tecnologias da informação é ambíguo, a depender do seu caráter político e social.

O segundo ponto a ser destacado é que este estudo não visa demonizar a tecnologia ou vê-la como salvadora, ele discute que existem relações de poder na forma como elas são produzidas e chegam até nós. Não podemos descartar o fato de que o excesso do uso das tecnologias da informação vem reconfigurando as experiências sensíveis dos seres humanos e, muitas vezes, nos acomete à desinformação que se põe a serviço da manutenção das relações de poder e da alienação, mas, além disso, o avanço tecnológico também possibilita ações de intervenção e resistência de diferentes grupos sociais preocupados com a transformação da realidade. Visto isso, o *ciberespaço* é o reflexo da nossa realidade social, repleto de tensionamentos e conflitos dos quais precisamos estar conscientes para não cair em armadilhas fatalistas.

Há dificuldade em olhar as obscuridades por trás da ideia luminosa que fetichiza a utilização da tecnologia, pois, para muitas pessoas, as ferramentas tecnológicas são neutras, e, assim, descarta-se o fato de que elas são produzidas e constituídas por relações sociais contraditórias, hierárquicas e racializadas. Fazendo uso do colonialismo digital, o capitalismo neoliberal tem exercido seu poder de formas mais sutis e, apropriando-se de ferramentas da tecnologia de informação, veicula seus ideais na medida que adapta suas estratégias de coerção e controle para o meio digital. Associada à neutralidade, a tecnologia ainda é vista como algo que tem intencionalidades próprias (Faustino e Lippold, 2023), um lugar de democratização e ascensão social em que se pode falar tudo aquilo que se pensa, mas ignora-se as suas finalidades políticas e econômicas.

Em terceiro lugar, ao mesmo tempo que temos tanto acesso ao excesso, nos deparamos com a escassez em vários aspectos. Desde experiências como professora de Arte na educação infantil e no ensino fundamental I, tem sido cada vez mais perceptível o desinteresse dos educandos em realizar atividades que envolvem criação e pensamento crítico, mesmo que estas trabalhem com tecnologia. Embora existam tantos mecanismos de busca, inteligências artificiais e plataformas/aplicativos que nos permitem acessar as produções da humanidade, grande parte dos educandos não consegue pesquisar de forma crítica na internet, tão pouco compreender a diferença entre criar e reproduzir aquilo que já vem ‘pronto’ dos meios digitais. A escassez do pensar crítico e da criação são desafios ao campo da educação.

Mesmo com todo o avanço tecnológico, é notável a dificuldade em olhar a obscuridade por trás desse mundo narcísico alimentado por estratégias de controle ancoradas nos falsos ares de

libertação, na meritocracia e na distorcida visão sobre felicidade instantânea. Olhar as obscuridades por trás da luminosa tecnologia exige criticidade. Quando entramos nas redes sociais, nos deparamos com um cenário cada vez mais complexo. Nos últimos anos, as tecnologias da informação veicularam estilos de vida e ideais que favoreceram mitos fortalecedores das ações predatórias do capitalismo neoliberal. O mito de que todos podem ser influenciadores e empresários de si que lucram milhões, sem necessariamente concluírem seus estudos, é referência para grande parte da população e também forma percepções de mundo que, uma hora ou outra, adentram o contexto escolar, trazendo desafios aos processos de conscientização.

Esses mitos resultam de estratégias que manifestam uma violência positiva, na maioria das vezes sutil, que elimina a negatividade (Faustino e Lippold, 2023), é consolidada para além da escola e tende a nos conformar com a cegueira diante das relações de poder presentes no uso da tecnologia. Em meio a tantos excessos, a escassez da curiosidade é algo a se pensar, pois as experiências humanas são empobrecidas, sendo reduzidas ao contato excessivo com telas e seus estímulos visuais que confundem informação com conhecimento.

Décadas após a publicação do texto de Loyola Brandão, a nossa relação com as tecnologias da informação ainda se restringe à recepção passiva, alienada e acrítica, só que desta vez, os dispositivos são outros e as obscuridades parecem mais intensificadas. Na Era do colonialismo digital, temos muitos obstáculos a serem superados, por isso, é necessário que se tenha a coragem de ser contemporâneo, crítico, curioso e criativo para que a estrutura de dominação seja transformada, caso contrário, ela seguirá se repetindo e se estendendo para múltiplos espaços, como vem acontecendo com o *ciberespaço*.

A CORAGEM DE SER CONTEMPORÂNEO

A escola é composta por subjetividades plurais que refletem em seus comportamentos e desejos os ideais de uma determinada época. Tais ideais são veiculados por diferentes meios que carregam consigo um caráter “pedagógico” e atuante na produção de modos de ser, pensar e ver o mundo. Atualmente, imersos na sociedade informacional e constantemente expostos ao acesso ao excesso, precisamos estar atentos, pois, o excesso também pode revelar a escassez.

Compreendendo os atravessamentos do colonialismo digital na educação e partindo da experiência coletiva de ser professora na educação infantil e no ensino fundamental I, este estudo

aponta para a importância de contribuir na formação de seres contemporâneos, aqui compreendidos como pessoas que conseguem olhar as obscuridades do seu tempo, sem deixar-se cegar pelas luzes, pelo excesso. No entanto, formar seres contemporâneos exige que nós, professoras e professores, também sejamos seres contemporâneos.

Agamben (2009) aponta que ser contemporâneo exige coragem e, partindo desse ponto de vista, entende-se que também há muita coragem em contribuir na formação de seres contemporâneos. Mesmo diante de tantos desafios, construir um espaço de trabalho com criticidade, curiosidade e criatividade é significativo na formação de seres contemporâneos, mas isso implica trabalhar com um viés que fuja de linearidade e da neutralidade, ou seja, com o princípio da relacionalidade que faz constantes movimentos entre passado, presente e futuro.

Construir conhecimento a partir do princípio da relacionalidade é desafiador, principalmente porque nossos marcadores de tempo se restringem à linearidade do pensamento ocidental. Fanon (2020, p. 253) já refletia sobre esse desafio:

Uma das coisas mais difíceis, tanto para uma pessoa como para um país, é manter sempre presentes diante dos olhos os três elementos do tempo: passado, presente e futuro. Ter em mente esses três elementos é atribuir uma grande importância à espera, à esperança, ao futuro; é saber que nossos atos de ontem podem ter consequências em dez anos e que, por isso, pode ser necessário justificá-los; daí a necessidade da memória, a fim de realizar essa união de passado, presente e futuro.

Tem se tornado cada vez mais urgente a construção de práticas educativas relacionais que permitam a compreensão de que o passado, o presente e o futuro são interligados, pois, se não conseguimos ver de forma crítica as violências do colonialismo histórico, mais difícil é identificar o colonialismo digital no tempo presente. Ter em mente os três elementos do tempo, conforme sugere Fanon (2020), é estar consciente de que o passado, o presente e o futuro não são coisas acabadas, mas contínuas, em construção, afinal, somos nós que atribuímos sentidos a eles ao longo do tempo.

Assim como foram criadas brechas no colonialismo histórico – que possibilitaram a resistência dos povos colonizados até os dias de hoje –, é necessário que olhemos para as problemáticas da digitalização da vida, encontrando brechas para o seu enfrentamento (Lara *et al.*, 2023). Olhar de forma crítica para além do que está posto é ser contemporâneo, é conseguir enxergar as obscuridades presentes nas tecnologias digitais e, assim, contribuir na formação de seres contemporâneos.

Na Era do colonialismo digital, ser contemporâneo e contribuir na formação de outros seres contemporâneos, desde um viés crítico e relacional, é uma tentativa de conscientização histórica não apenas em relação ao uso das tecnologias digitais no presente, mas também sobre as heranças do passado colonial que estruturam a nossa realidade através do tempo. Ter como princípio a criticidade e a relacionalidade ao debater as tecnologias digitais é contribuir na formação de pessoas capazes de identificar os conflitos de interesses e as práticas de dominação do passado no presente, bem como suas implicações no futuro apesar de suas constantes atualizações, pois, de acordo com Lima (2019, p. 254) “[...] o contemporâneo, no momento em que fixa o seu olhar nos olhos da sua própria era, percebe que o seu tempo, a despeito de tudo, não apresenta quase nada de novidade. Esse indivíduo é capaz de enxergar na sua própria época todas as outras”.

Olhar para a sua época e nela enxergar todas as outras é compreender-se como criador da sua própria realidade, é ser relacional, sendo capaz de romper com a lógica colonial que estabelece um círculo vicioso de reprodução da dominação. Romper com essa lógica de forma crítica e consciente contribui para entrarmos na disputa por um futuro mais justo, entendendo que, apesar de ser uma ideia luminosa, a tecnologia também traz consigo problemáticas, portanto, não está desconectada dos mecanismos de poder.

Ser contemporâneo implica encontrar caminhos para não cair na fetichização da tecnologia, tanto para não a demonizar como para não a ver como salvadora, mas, sim, entender que nem um nem outro, como todas as coisas, elas também carregam luz e escuro. A ambiguidade da indissociabilidade entre realidade virtual e realidade concreta, ser humano e máquina, vem distorcendo tanto as nossas percepções de tempo e espaço que as experiências de mundo sofreram modificações drásticas. No entanto, por maiores que sejam as tentativas de reduzir o ser humano a objeto, de acordo com Mbembe (2021, p. 123), “há sempre algo de sua humanidade que escapa a essa redução objetual, a esse desejo de objetificação”.

Proibir o uso das inteligências artificiais ou aparelhos eletrônicos na escola não é uma saída, isso não irá frear os impactos do digital nas dimensões ontológicas, axiológicas e epistemológicas. As tecnologias digitais estão no mundo, nas vidas dos educandos, e nós precisamos encontrar formas de utilizá-las a serviço dos processos de conscientização, pois já existem diversos setores as utilizando no sentido alienante. Desse modo, ser contemporâneo é ter a coragem de colocar a tecnologia a serviço da libertação.

Faustino e Lippold (2023, p. 182) partem da proposta de Fanon, em colocar a tecnologia de comunicação a serviço da luta anticolonial, para apontar a importância de explicitar o caráter social e historicamente determinado das tecnologias, pois, “o problema não é o aprendizado de máquinas ou a chamada inteligência artificial, em si, mas os sentidos pelos quais são projetados e, sobretudo, os usos que lhes atribuímos”. Problematizar os sentidos por trás do uso das tecnologias e dos jogos de interesses que as condicionam contribui para a formação de seres contemporâneos, pois usar uma rede social, compartilhar informações, assistir vídeos, utilizar inteligências artificiais, tudo isso se dá em um contexto marcado por tensionamentos. É por isso que:

É fundamental que intelectuais, trabalhadores, políticos, artistas e pesquisadores de esquerda, feministas e antirracistas, se engajem nos esforços de descolonização dos meios de comunicação e criação de conteúdos libertários, mas sobretudo na discussão sobre o papel das big techs nas formas contemporâneas de exploração e dominação (Faustino e Lippold, 2023, p. 183).

Descolonizar a tecnologia através da educação é ser contemporâneo e contribuir na formação de perspectivas críticas de mundo para que estas, ao verem as ferramentas tecnológicas, não a visualizem apenas de forma fetichizada, mas que consigam olhar as relações sociais de poder que existem por trás delas como obscuridade. É compreender que aqueles que projetam a máquina em si, muitas vezes, podem estar trabalhando a serviço do lucro, da ampliação da exploração e do controle. É saber identificar quando o desejo ou a ação partem de nós ou são condicionadas por algoritmos.

Os avanços tecnológicos têm sido vistos como uma ideia luminosa no imaginário de grande parte da população, mas também é necessário que sejamos contemporâneos para ver as suas obscuridades. São tantos os estímulos visuais e informacionais a qual somos submetidos diariamente que precisamos encontrar formas de não nos deixar cegar pelas luzes da nossa época. Entre tantos discursos que associam as tecnologias a falsos ares de libertação ou aprisionamentos, olhar para o presente e identificar para além da luminosidade do nosso tempo, enxergando as obscuridades que o acompanham, é, para nós, ter um olhar crítico sobre si e a realidade social.

Citando a epígrafe do livro de Saramago (1995) “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”, é possível compreender que reparar é olhar o mundo de forma crítica no sentido do desvelamento da realidade, de ser capaz de olhar as obscuridades do seu tempo para além dos excessos que causam a cegueira em nossa época. Nesse sentido, aprender a analisar os efeitos dos avanços

técnico-científicos na construção dos nossos modos de ser, sentir e saber a partir do colonialismo digital pode ampliar a forma como olhamos para a tecnologia em nosso tempo, abrindo caminhos para repensar o seu uso.

Como professores e professoras, a descolonização da tecnologia nos espaços educativos é uma tarefa urgente a ser considerada e isso nos convida a incorporá-las na produção do conhecimento, de forma consciente e mediada no horizonte emancipatório, instigando a criticidade, a curiosidade e a criatividade. O acesso ao excesso na Era do colonialismo digital, muitas vezes, nos acomete de excessos que encobrem o fato de que a tecnologia não precisa estar presa aos interesses do capitalismo neoliberal, ela pode ser utilizada para reivindicar pautas necessárias ao coletivo.

Reparando na escassez em meio aos excessos do mundo digital, encontramos um convite para provocar fissuras nesse círculo vicioso em que as pessoas são meras receptoras de informações. A conscientização sobre a tecnologia nos espaços educativos, sejam formais ou não formais, é urgente para repensarmos os riscos por trás da digitalização e algoritmização da vida, pois um simples clique nos deixa à mercê de um sistema que captura dados e informações, uma exploração sutil e invisível. Da mesma forma, se faz necessária para vislumbrarmos outras possibilidades de trabalhar em prol do coletivo, de sermos produtores e produtoras de tecnologia, criadores e criadoras desde o Sul Global.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, a interrelação entre textos literários e textos teóricos contribuíram para o debate sobre o colonialismo digital e seus impactos no campo da educação. Nota-se que as tecnologias digitais são ambíguas e podem estar tanto a serviço da dominação como da emancipação, a depender do seu caráter político, histórico, econômico e social. No Brasil, por ser um contexto marcado pela tradição colonial e ainda organizado a serviço da manutenção do sistema colonial-capitalista, é preciso estar atento aos processos de colonização atualizados e cada vez mais invisíveis no tempo presente. No entanto, não é porque são invisíveis que eles não existem.

Os textos teóricos e literários aqui utilizados para discutir o colonialismo digital destacam o quanto as tecnologias intensificaram alterações nos modos de ser, saber e sentir ao longo do tempo. Atualmente, estamos diante de um cenário complexo em que caminhamos rumo à unificação ser humano-máquina e isso tem nos levado a caminhos tortuosos, repletos de distorções e mudanças

que são entraves ao campo da educação, principalmente, porque, aqui, a compreensão sobre educação é ampliada, não se restringindo apenas aos muros da escola. Na sociedade das telas, em que o mundo virtual não é separado do mundo real, existem “sistemas educativos” por toda a parte e, muitas vezes, as pessoas não tem consciência destes processos, deixando-se cegar pelas luzes dessa época.

Partindo da premissa de ser contemporâneo e de que luz e escuro não são coisas separadas, aponta-se para a importância de descolonizar a tecnologia, estando comprometidos com a educação crítica e relacional, aberta a desenvolver o olhar crítico sobre o uso das tecnologias digitais e suas modificações no fluxo de vida. Não é porque temos acesso ao excesso que a escassez tenha desaparecido da nossa realidade social. É necessário repensar o uso das tecnologias, e a educação tem um papel importante nesse processo, pois pode colaborar na formação de seres contemporâneos, críticos e historicamente conscientes de que também são criadores.

Olhar as obscuridades em meio às ideias luminosas das tecnologias digitais faz parte do desenvolvimento de um olhar crítico sobre a realidade, entendendo que não há neutralidade nas produções humanas, pois estas são produzidas desde contextos marcados por conflitos e tensionamentos. Nem mesmo os avanços técnico-científicos escapam dos processos de cooptação e controle do capital. Com isso, estar consciente do colonialismo digital nas dimensões da vida implica que nós, professores e professoras, sejamos contemporâneos e, ao mesmo tempo, comprometidos com a formação de seres contemporâneos que contestam a desinformação, o negacionismo, as distorções sobre a realidade, a antidemocracia por trás da algoritmização, os ataques racistas em ambientes virtuais e o uso fascista das tecnologias digitais.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- AVELINO, Rodolfo. Colonialismo digital: dimensões da colonialidade nas grandes plataformas. In: SILVEIRA, Sérgio Amadeu da; SOUZA, Joyce; CASSINO, João Fancisco. **Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal**. São Paulo: Autonomia Literária, 2021. p. 69-86.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

- CASSINO, João Francisco. O Sul Global e os desafios pós-coloniais na Era Digital. In: SILVEIRA, Sérgio Amadeu da; SOUZA, Joyce; CASSINO, João Francisco. **Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal**. São Paulo: Autonomia Literária, 2021. p. 13-31.
- FANON, Frantz. **Alienação e Liberdade**. Escritos Psiquiátricos. São Paulo: UBU Editora, 2020.
- FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. **Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2023.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2013.
- LARA, Lutiane de; PASSOS, Patrícia dos; CRUZ, Lilian Rodrigues da. Colonialismo de dados e os avanços da extrema direita. In: LARA, Lutiane de; CRUZ, Lilian Rodrigues da; PASSOS, Patrícia dos (Orgs.). **Digitalização da vida e produção de subjetividades**. Florianópolis, SC: ABRAPSO Editora, 2023. p. 12-29.
- LIMA, Jefferson de Moraes. Contemporaneidade e literatura: reflexões sobre uma possível literatura do contemporâneo. **Revista Investigações**, Recife, v. 32, n. 1, p. 252-263, julho, 2019.
- LIPPOLD, Walter; FAUSTINO, Deivison. Colonialismo digital, racismo e a acumulação primitiva de dados. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v. 14, n. 2, p. 56-78, ago. 2022.
- LOYOLA BRANDÃO, Ignácio de. **Dentes ao sol**. São Paulo: Círculo do Livro, 1965.
- MACHADO, Débora Franco. A colonização dos dados como produto das operações das mídias sociais no Sul Global. In: SILVEIRA, Sérgio Amadeu da; SOUZA, Joyce; CASSINO, João Francisco. **Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal**. São Paulo: Autonomia Literária, 2021. p. 53-68.
- MBEMBE, Achille. **Brutalismo**. São Paulo: N-1 Edições, 2021.
- SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1995.
- SILVA, Tarcízio. Racismo algorítmico em plataformas digitais: microagressões e discriminação em código. In: SILVA, Tarcízio. **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: olhares afrodiaspóricos**. São Paulo: LiteraRua, 2021. p. 129-145.